



Os Cravos Desolados

Diego Mendes de Sousa

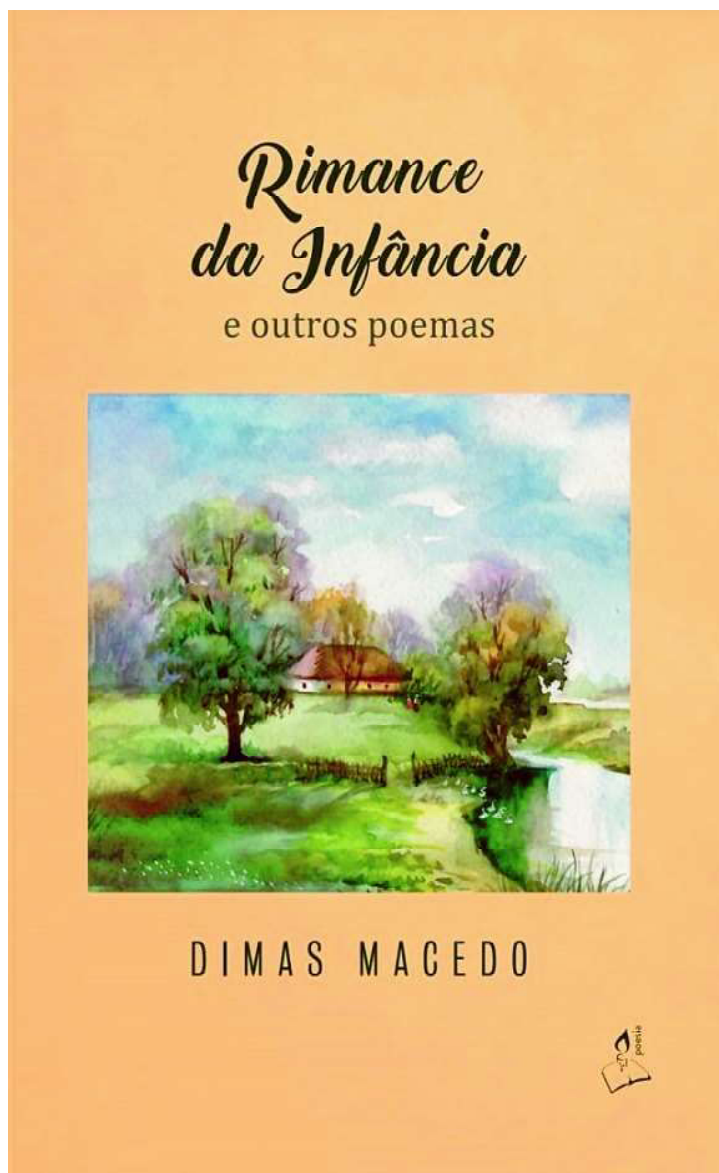
Com *Rimance da infância e outros poemas* (São Paulo: Editora Penalux, 2020), o escritor e jurista cearense Dimas Macedo (1956-) comemora os seus quarenta anos de fecunda criação literária. É o seu décimo segundo livro de poemas, desde *A distância de todas as coisas*, obra lírica de estreia, que veio a lume em mil novecentos e oitenta.

Nessa lúcida trajetória de poeta e de vivente da alma, Dimas Macedo está no auge da sua maturidade intelectual e no ápice da sua cosmovisão pessimista e desabonadora sobre as coisas do mundo. Esclarece Dimas: Mundo sem mundo, punhal velho e sem alça.

Rimance da infância e outros poemas é uma obra muito singular, com a peculiaridade de ser também uma agregação de cordéis e de poemas discursivos, para além do telúrico e do anímico, onde Dimas Macedo casa novos poemas, com poemas esquecidos de distintas épocas inventivas, datados dos anos oitenta, noventa e dois mil e tantos, em sua ondulação de viajante do tempo e do onírico.

Com poemas dramáticos, trágicos, elegíacos, românticos e sensitivos, que causam comoção, Dimas Macedo acerta quando esboça em seu proêmio, que este volume é uma casa de telhado malfeito, cujas paredes foram levadas pelo vento. Pelo avesso do seu desejo, o livro se sustenta na força do seu olhar entristecido.

Dimas eleva o seu canto, quer infância, quer a terra do seu nascimento, para afastar-se do abismo ardente que fere a existência humana. Há em sua poesia uma liturgia da paixão, uma escritura de faca que perfura o inconsciente e desvela o agônico sobre nós. A sua



poesia está contida em Deus e enraizada na miséria visceral de ser apenas um homem faminto de finito: A semente da morte cantando em minha alma, e toda a sinfonia do mundo no ouvido.

São vinte poemas de vindima, de bagos preservados. Dimas Macedo deixa entardecer nos poemas

as suas dores, as suas solidões, as suas aflições, as suas tristezas, os seus amores inconsoláveis, os seus pensamentos desérticos, o seu coração em desamparo, a sua casa despovoada. O poeta arremata, de propósito, com imagens e sons de Manuel Bandeira e de Ferreira Gullar, aqui e ali, a indução de

que a poesia é uma ressurreição das vozes clarividentes e também vidência.

O nome Rimance se apropria das feições nostálgicas do passado, em cântico épico suave, cujo nascedouro vem da identidade e da genealogia de Dimas Macedo. Sua ancestralidade bebe no Rio Salgado de Lavras da Mangabeira, nas entranhas do Ceará. A geografia é outra tônica em Dimas, o poeta registra paisagens e circunstâncias fotográficas seladas com avidez em sua memória. São belíssimos os poemas, com especial destaque para Cravos, Remate, Lagoinha e Asfalto. É altaneiro o poema Escritura, com clave extraordinária.

A poesia de Dimas Macedo possui cintilações de boa cepa: Deus no carbono da minha arte; e a solidão que fica na dor deste poema; e vi as duas paixões da minha vida: a escritura do ser e as palavras; e a solidão guardada em meus alforjes; Deixei, então, meu coração sangrar e a vida borbulhar no rio do desvão; Tenho fome. Fome de me atravessar o espanto.

Rimance da infância e outros poemas é a nítida celebração de um percurso poético vitorioso, que encontra escoamento na autêntica liberdade de ser o que se é e de pressentir o que a intuição almeja, com verdade e ascese. Meus louvores a Dimas Macedo, um poeta de valioso labor, vocacionado e consciente, que opera, através do seu invisível particular, as melhores elocuições da poesia.

Diego Mendes de Sousa é escritor, poeta, jornalista, advogado, indigenista, ambientalista, ativista cultural e membro do PEN Clube do Brasil. Agraciado com o Prêmio Castro Alves da União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro (UBE-RJ), 2013, pelo conjunto da obra.



Clássicos da Literatura censurados

Rosani Abou Adal

O governo de Rondônia censurou 43 obras que incluem alguns clássicos da Literatura brasileira de leitura obrigatória em vestibulares.

Através de memorando da Secretaria de Educação de Rondônia, divulgado pelo jornal *Folha de S. Paulo*, foi pedido o recolhimento das referidas obras de bibliotecas públicas por se tratarem de conteúdos inadequados às crianças. Depois voltaram atrás e suspenderam o procedimento. O estado de Rondônia é governado pelo Coronel Marcos Rocha (PSL) que exerceu o cargo de chefe do Centro de Inteligência da PM-RO e de secretário municipal de educação de Porto Velho.

Dentre os livros censurados, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis; *Macunaíma*, de Mário de Andrade; *Os Sertões da Luta*, de Euclides da Cunha; *A Vida como ela é e Beijo no Asfalto*, de Nelson Rodrigues; obras de Rubem Fonseca e de Rubem Alves.

Conforme nota publicada pela assessoria de imprensa do MPF, “O Ministério Público Federal instaurou um procedimento preparatório para investigar a atuação da Secretaria Estadual de Educação de Rondônia (Seduc) na suposta determinação para recolhimento de livros paradidáticos nas escolas públicas estaduais de Rondônia.”

A ABL publicou a seguinte manifestação no seu site:

“A Academia Brasileira de Letras vem manifestar publicamente seu repúdio à censura que atinge, uma vez mais, a literatura e as artes. Trata-se de gesto deplorável, que desrespeita a Constituição de 1988, ignora a autonomia da obra de arte e a liberdade de expressão. A ABL não admite o ódio à cultura, o preconceito, o autoritarismo e a autossuficiência que embasam a censura.

É um despautério imaginar, em pleno século XXI, a retomada de um índice de livros proibidos. Esse descenso cultural traduz não apenas um anacronismo primário, mas um sintoma de não pequena gravidade, diante da qual não faltará a ação consciente da cidadania e das autoridades constituídas.” 07/02/2020

Deixamos nossa indignação e protesto contra a censura, o autoritarismo e o preconceito; bem como a todas as censuras contra nossas letras, cultura e artes e contra a liberdade de expressão, de comunicação e do pensamento.

Rosani Abou Adal é poeta, escritora, jornalista e vice-presidente do Sindicato dos Escritores do Estado de São Paulo.

LINGUAGEM VIVA

Assinatura Anual: R\$ 140,00

Semestral: R\$ 70,00

Depósito em conta 19081-0 - agência 0719-6 - Banco do Brasil

Envio de comprovante, com endereço completo, para o email

linguagemviva@linguagemviva.com.br

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal

Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades.

Impresso em *A Tribuna Piracicabana* -

Rua Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760

Selos e logo de Xavier - www.xavierdelima1.wix.com/xavi

Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores

O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

DESABAFOS

Raymundo Farias de Oliveira

Em tempos de tantos solavancos políticos, quando vejo, na televisão, o jovem presidente do Banco Central (Roberto Campos Neto), vem-me à memória a figura de seu avô, professor Roberto Campos, nascido em Mato Grosso, filho de família humilde, mas que “pelo talento e engenho criador, acabou exercendo alguns dos mais prestigiosos cargos da vida pública brasileira”.

Li, no século passado, suas memórias – Roberto Campos – *A lanterna na popa* – memórias – Topbooks – 1417 páginas, edição de 1994, e senti verdadeiro espanto diante de tanta erudição, informação, cultura, humor, convicção e humanismo na vida de um só homem.

Amigo do liberal francês Raymond Aron, ambos defenderam em seu tempo ideias pouco palatáveis, sofrendo por isso ataques e impropérios de toda ordem para, muitos anos depois, verem essas ideias ganharem o beneplácito e a legitimação da história, como ressaltado na orelha do alentado livro de memórias.

Como é sabido, “Memórias” envolve “desabafos” que, muitas vezes, ilustram a obra. Desnuda a alma do memorialista, mostrando até onde chega o seu “eu” profundo. Verdadeiras “confissões”...

Confissões como “não fui peirito na arte de chegar ao poder e menos ainda na de ficar no poder. Consolava-me lembrando o dito de Alfred Marshall, o pai da economia neoclássica: ‘Não se pode ser patriota e popular ao mesmo tempo’”.

E esta: “Em dimensão humana muito menor, procurei repetir o que Bertrand Russel dizia ser uma característica de Gladstone: não consentir em comprar o poder pessoal a custo de apostasia”. Certamente cometi, porém, o único pecado que a política não perdoa: dizer a verdade antes do tempo”.

E mais adiante, na mesma pág. 1280: “Passei a ser apelidado de Bob Fields e acoimado de “entreguista” e “vendido às multinacionais”.

Aceitei com equanimidade o que para outros seria psicologicamente arrasador, lembrando-me sempre do aforismo do chanceler Adenauer: “O maior dom que o Criador pode conferir a um estadista é dar-lhe couro de elefante”...

Mas o grande “desabafo” do professor Roberto Campos ocorreu no seu histórico discurso de despedida da vida parlamentar – 8 anos no Senado e 8 na Câmara – na última quinta-feira de janeiro de 1999, publicado pelo “Estadão” no dia 31.

...“minha melancolia não provém de saudades antecipadas de Brasília, cidade que considero um bazar de ilusões e uma usina de déficits. A melancolia provém do reconhecimento do fracasso de toda uma geração – a minha geração – em lançar o Brasil numa trajetória do desenvolvimento sustentado. Continuamos longe demais da riqueza atingível e perto demais da pobreza corrigível.

A melancolia vem também da constatação de nossa insuportável ‘mesmice’...”

O ex-seminarista, chamado de “padreco” pelos colegas de pensão, ao chegar à Cidade Maravilhosa, estava realmente decepcionado com a política e com os homens.

E o grande Ruy Barbosa – civil derrotado eleitoralmente pelo militar Hermes da Fonseca na campanha presidencial – também fez seu “desabafo” célebre no discurso proferido no Senado em 17/12/1914:

“De tanto ver triunfar as nulidades, de tanto ver prosperar a desonra, de tanto ver crescer a injustiça, de tanto ver agigantar-se os poderes nas mãos dos maus – o homem chega a desanimar-se da virtude, rir-se da honra, a ter vergonha de ser honesto”.

Quanta melancolia, quanta tristeza, quanta frustração! Chego a pensar que tais “desabafos” continuam atualíssimos.

São de ontem!

Raymundo Farias de Oliveira é escritor, poeta, contista, novelista, cronista e Procurador do Estado aposentado.



E agora?

Flora Figueiredo

O que é que eu faço com essa volúpia que se arredonda em mim em cornucópia e destila gotas de mel e de cetim?

Esse ciclone que revira e arrebatava, entorta a regra, desintegra e quase mata, faz arruaça, depois passa e vai embora! O que é que faz um vendaval ensandecido despejar flores no meu chão adormecido? E agora?

Flora Figueiredo é escritora, cronista, poeta, jornalista, tradutora e compositora. Autora de *Chão de Vento*, *Limão Rosa*, *Florescência*, entre outros livros. Exerceu o cargo de Vice-presidente da Associação das Jornalistas e Escritoras do Brasil.

Maré-cheia

Débora Novaes de Castro

Como uma flor na noite serenada, sob um profundo azul todo estrelado, quisera a ninfa bela na ramada, alçar oiteiro, ao longe, enluarado;

quisera ser a concha nacara, que sob as águas, berço camuflado, primores gera na missão sagrada de fluidos mundos, de gentil condado.

Ser ninfa, concha, mito, sedução, uma parideira, outra fantasia, vida desfiando o régio condão.

Divinal, o fio que a vida enleia a recoser os sonhos na porfia, colheita factual da “maré-cheia!”

Menção Especial no VIII CONCURSO “PAULO ROBERTO OLIVEIRA CARUSO” – 2019

Débora Novaes de Castro é escritora, artista plástica e Mestre em Comunicação e Semiótica – Intersemiose na Literatura e nas Artes, pela PUC-São Paulo, 2004.

VÊNUS AO ESPELHO

Raquel Naveira

É do pintor espanhol barroco, Diego Velázquez (1599-1660), o célebre quadro “Vênus ao Espelho”. Que ousadia representar a deusa do Amor nua, reclinada sobre musgo de veludo, mirando a face no espelho, seguro por Cupido ou Eros, pequeno menino alado. Vênus adorna os cabelos com violetas, morde maçã com canela, acaricia os seios brilhantes como luas. Toda ela é úmida: anêmona de primavera, espuma marinha, pele nacarada. Tão atraente, fora de qualquer limite, força dissoluta. Quem não seria seduzido por ela? Quem quebraria esse encanto? Um mortal? Uma divindade? Um poeta? Deleito-me com essa visão.

Tenho um espelho de rainha igual a esse do quadro sobre minha penteadeira. É meu emblema lunar e feminino, antigo presente de casamento. Nele transparece minha essência infinita, meus pensamentos ocultos. Já poli tanto a prata desse espelho. Ele está tão puro que, ao olhar em volta, vejo tudo que me cerca, com nitidez: astros refletidos, raios de luz, o conteúdo do meu coração, enfim, toda a verdade. E a verdade é que envelheço como uma uva de outono. Corajosa, não me busco em fotos antigas do passado. Mesmo fraca e doente, sou guiada pelo espelho. Como Dorian Gray, na novela do escritor britânico, Oscar Wilde (1854-1900), o meu retrato envelhece na moldura fina desse espelho.

Como terá se sentido a louca soberana dos hebreus, Jezabel, admirando sua beleza pela última vez no espelho? Segurou a haste, contemplou-se. Era sacerdotisa mística, feiticeira que obrigava todos a cultuarem Baal e a sacrificar crianças em nome da inocência. Quando soube da revolta do profeta, sentou-se, pintou os olhos com cajal preto, colocou na cabeça a coroa de diamantes. Os eunucos a atiraram da janela, seu sangue tingiu as paredes e os cavalos. Foi devorada pelos cães. Só restaram o crânio, os pés, as mãos. Que cena lúgubre!

Vampiros não se veem no espelho. Ausência total de imagem. Congelados no tempo. Desprovidos de alma, sangue e vida, deambulam

pelo mundo através dos séculos. Fernando Pessoa (1888-1935), o poeta português, comparou-se a um quarto com inúmeros espelhos fantásticos, que torcem tudo, em reverberações falsas. Uma única anterior realidade, que não está em nenhuma e está em todas. Já José Saramago (1922-2010), também português, detentor do Prêmio Nobel de Literatura, no romance *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, imaginou um encontro sobrenatural entre Ricardo Reis, o heterônimo latinista de Fernando Pessoa, com o fantasma do próprio Fernando Pessoa. Criatura e criador frente a frente. E aí a mágica vampiresca acontece: Fernando Pessoa levanta-se do sofá, passeia pela saleta, para diante do espelho. Sabe que está olhando no espelho, mas não se enxerga. Percebe que se tornou uma densa sombra. Uma sombra, é tudo que lhe restou.

Busco-me novamente no espelho e me descubro nesse vidro de poço profundo. Tenho imperfeições, marcas, inteligência criativa nos olhos, embora baços. Olharei mais uma vez antes de sair. Não me esquecerei de meu rosto. Ele refletirá as palavras que carrego e que me confrontam. Ajeito os cabelos. Espremo os lábios. Tudo em mim é simples e natural nessa combinação de alma e corpo, que logo, logo se desmanchará.

“Vênus ao espelho” ... Uma obra de arte é assim: única, inédita, inesquecível. Digna de admiração. Impactante. Reveladora. Abaixo o cabo do espelho e o coloco virado sobre a penteadeira.

Raquel Naveira é escritora, professora universitária, crítica literária, Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo, autora de vários livros de poemas, ensaios, romance e infantojuvenis. Pertence à Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (onde exerce atualmente o cargo de vice-presidente), à Academia Cristã de Letras de São Paulo e ao PEN Clube do Brasil.

Raquel Naveira é escritora, professora universitária, crítica literária, Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo, autora de vários livros de poemas, ensaios, romance e infantojuvenis. Pertence à Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (onde exerce atualmente o cargo de vice-presidente), à Academia Cristã de Letras de São Paulo e ao PEN Clube do Brasil.



Vênus ao Espelho, Diego Velázquez.

Sebo Brandão São Paulo

Fazemos encadernações

Rua Conde do Pinhal, 92 -
ao lado do Fórum João Mendes

Tels.: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - sebobrandaosp@gmail.com -
Face: Sebo Brandão São Paulo <https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr>



O Averso do Arquipélago, de Beatriz H. Ramos Amaral

- o enredo permissivo e a desleitura da fala

João Rasteiro

“... nada conterà a exatidão / de um estalo / a conexão da fala / numa débil escritura / de retalhos // mas o caminho / entre conchas e palavras / trará o atrevimento do sal – o enredo permissivo: improvável luz / na concisão do espanto” Beatriz H. R. Amaral, p.61).

Harold Bloom, falecido no dia 14 de outubro de 2019, um dos mais importantes e talvez o crítico literário mais popular do mundo nos últimos 30 anos, afirmou, em entrevista à *Folha de S.Paulo*, em 1995, ser “Muito Bloomiano! Puro Bloom. Não só Schopenhauer e Borges, mas Bloom”, a frase: “*Tudo já foi escrito, tudo já foi dito, tudo já foi feito, eis o que Deus ouviu. E Ele ainda não criara o mundo, nem nada existia ainda...*”.

Como sabemos, Bloom defendeu, no seu pequeno-grande livro “A angústia da influência”, que a história da poesia só poderia ser considerada como indistinguível da influência poética, uma vez que os grandes poetas fazem a sua história, sempre deslendo-se uns aos outros, de forma a abrir um espaço singular de fabulação. Mas para se deslerem, naturalmente, e sobretudo, têm de se ler uns aos outros. Ler essa memória avassaladora dos mortos, para depois desler, deverá ser, esta sim, a grande angústia.

Não podemos esquecer que Shelley especulou que os poetas de todas as épocas contribuíram para um Grande Poema em progresso perpétuo. Terá, pois, de ser o poder da desleitura a grande arma do escritor, e artista em geral, e do poeta em particular, pois esta será ao mesmo tempo fonte pura de liberdade e instância criativa: “entre

a sintaxe / e o pulsar do verbo / entre a textura da / síntese e o tátil do / poema, ele-Ernesto / poex/poeta inaugura / após-têxteis anos-luz / a concisão de azuis e / verdes, al-gorritmos / entre pixels e vozes / fractais de lusaluz / experimenta grafemas / de matrizes ultramar / na dança da terra, / o leve dos temas / o pleno pós-pleno de um / pêndulo / no ciclo de olhos abertos / que leem mais do que / o texto e seu contrário” (26, 27)

Neste “Voo virtual para E. M. de Melo e Castro”, podemos não só beber a homenagem de Beatriz H. Ramos do Amaral a um poeta marcante no seu percurso, como, de certa forma, sentirmos esta atmosfera Bloomiana de leitura e desleitura. Pois, se a poesia de Beatriz expressa de forma clara (não necessariamente cristalina) a sua marca filial, poesia essa, onde os traços do concretismo, experimentalismo ou da poesia visual (onde a página em branco poderá ser o infinito avesso dos céus, da música, das artes plásticas, etc.) tem vindo, ao longo dos seus sucessivos livros, numa demanda inflexível e procura austera, tentando que na sua escrita poética se realize a máxima de Kierkegaard (e que no fundo é a que todos os que escrevem, qualquer que seja a linguagem artística, ambicionam): “Aquele que está disposto a trabalhar, dá à luz o seu próprio pai”.

E é essa “vertigem”, a do permanente trabalho de lapidação, que Beatriz persiste e insiste, na utopia de dar à luz o seu próprio pai, o seu próprio poema. E é nessa vertigem, em que a todo o momento pode irromper o fogo, pois “certo prumo / é ponto, porto / volto ao gosto solto // posso portas / cordas / posso con-

chas / em que número exilar-me?” (48), pergunta ela no centro do cosmo e da galáxia, em que arrisca e se aventura.

Não só neste “O Averso do Arquipélago”, mas em grande parte dos seus livros anteriores, sempre se espelhou na sua poesia esse indizível prazer que “se tece nas mãos”, o prazer da polissemia, dos vários sentidos da palavra, porque “no oculto da fruta / um nome / e o acaso do abismo” (41), da plurissignificação, até, ou sobretudo, da transgressão, na esperança de que “verte um sinal: plaaz / flui vespertina, agr / nuaneblina et paille // e descrevê-la, étoile?” (72). A procura intensifica-se cada vez mais, lapidando, golpeando, lacerando, mesmo se assente numa quase alucinação lúdica do “non sense”, aguardando a “lâmina em mim: quirst verps / flui virtual tex tex / estoica (eu) heroica, frix” (72).

Na verdade, a marca filial de Beatriz é evidente, daí que alteia “na inviável neblina, / um voo-vapor / no espectro da luz” (68) toda a influência (julgo que sem qualquer angústia) que vem desde (e por ela também já asseverada) as poéticas de Mário Andrade e Oswald Andrade, de um cordão ferozmente umbilical com Edgard Braga, não descuidando Fernando Pessoa, Clarice Lispector e João Cabral de Melo Neto, e talvez, porque como afirma, “atravesso a página - / lírios e grafemas são / os túneis que simulo” (68), cintila também essa tríade extraordinária dos irmãos Haroldo e Augusto de Campos, de onde bebe a essência do sincronismo (o todo, no avesso do avesso), da melopeia (sua textura musical, apreendida, aprendida e conferida), da concisão (quer imanada de alguma textura concretista, quer imanizada da concisão e chama da tradição japonesa do haiku, onde a pausa e o silêncio são eco retumbante), conjuntamente com Décio Pignatari, são uma “escala modal / para entoar / o outro silêncio” (68).

Neste “O Averso do Arquipélago”, Beatriz procura com afinco a reconstrução da linguagem do mundo, logo, do próprio mundo, da sua geografia, do seu início de história como paisagem indecifrável, mas necessária, na ilha da memória. Para que essa mesma memória pos-

sa ser resgatada de um quotidiano de trivialidade, para em quimera poder dizer que em, “todas as pedras / brutas atiradas / devolvi polidas” (67) se sonhe, e para então, no sublime, mas pungente tempo que guarda a ilha, no imensurável avesso do arquipélago, repetir: “*calçando estrelas recomeço*” (67).

E, no entanto, um arquipélago, palavra que deriva do grego *arkhi* (chefe) e *pelagos* (mar), é um conjunto de ilhas, que podendo parecer separadas, se refere actualmente a qualquer grupo de ilhas relativamente próximas umas das outras ou que, de qualquer modo, se podem considerar ligadas. E este avesso d(o) um arquipélago, parecendo um outro espelho, é um espelho uno, da noite e do dia, do corpo e do poema, da terra e da água, do silêncio e da palavra, da luz e da memória.

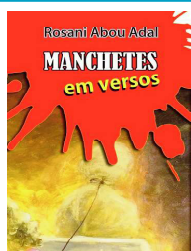
Curiosamente, e não será por acaso, algumas das palavras mais usadas nesta obra por Beatriz, são: voz-memória-história-mundo; chuva-água-mar-barcos; verbo-palavra-fala; asas-pássaro-ave-voo; poesia-enredo-cores; tempo-fogomãos e sobretudo e sol-olhos-luz. E os termos “avesso” e “ilhas”, contar-se-ão pelos dedos de uma mão em que eles cintilam. E a poeta canta: “*abrir flagrantas / nos olhos / nas bordas da noite / no primeiro rastro / na colheita de pretextos / e cautelias // abrir uma ciranda / sem promessas // mínimo canto sem ensaio / no eco absurdo dos desvãos // cítara se afina / noite e dia se acasalam*” (60).

O trabalho de Beatriz, não só neste “O Averso do Arquipélago”, é um trabalho árduo com e sobre o palato, da linguagem, na busca persistente de um sentido, de uma fala, de uma luz (a palavra mais encontrada, sob várias formas e fonemas, na obra) para a existência. E, nomeadamente, na utopia, mesmo que breve, que sob esse árduo trabalho, com e sobre a linguagem, se conseguirá suplantar sedimentos insólitos e misteriosos, que se transmutam em realidade, que se transferem para a realidade, a sua realidade. Mesmo sabendo ela que essa busca será infinita, será irrealizável, e ainda bem que assim o é, pois só assim a textura poética e o seu nervo poderão ser “intensidade / num

Manchetes em versos

Rosani Abou Adal

Capa e o projeto gráfico de Xavier
Prefácio de Raquel Naveira



Linguagem Viva: linguagemviva@linguagemviva.com.br
Sebo Brandão: <https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr/rosani-abou-adal-manchetes-em-versos-1920679020>



O AVESSE DO ARQUIPÉLAGO



BEATRIZ H. RAMOS AMARAL



fluxo de lodo e gozo // remos na paisagem/ do medo (62).

É, pois, nesta “tessitura multifacética”, como bem refere Reynaldo Castro que, mais do que tecedura, que a destecedura da poesia da autora reluz. Como refere ainda Reynaldo, “para contestar o conhecimento do esboço, do relevo e do contexto”, ela mergulha na caverna da língua, buscando e ansiando um “discurso em vão / espúria curva” (62), pois será talvez esse avesso que se poderá porventura transmutará em realidade.

Uma das coisas mais interessantes que na destecedura da obra perpassa imediatamente como mestria de Beatriz, é (o) chamamento (propositado ou inconsciente, mesmo se essa inconsciência resulte da aprimorada mestria e maturação que a poeta possui) que a relação ou correlação de alguns poemas no corpo da obra provocam, como se por vezes uns respondessem de imediato ao precedente, ou a isso fossem “obrigados” pelo prazer inefável da polissemia e da atração plurissignificativa, visto que “no tabuleiro insano / a gaivota me escolhe (...) para o cabalístico voo” (38).

Vejam-se dois exemplos em que se vê perfeitamente essa atração e réplica, esse adverso e propício, essa ilha e continente, esse avesso de um oceano único. Poemas “Primeiras Ilhas” (42) e “Noturno op. 1” (43):

*no fascínio das águas
remar sem pausas* (42)

*num teorema
de ruínas e
cantigas* (43)
*contar as ilhas
dos faróis, os nomes* (42)
*pescar figuras
no oculto estranho
de um minuto* (43)

E os poemas, “Bourée” (74) e “Liturgia” (75), onde perpassa também, para além da forte carga pictórica da poesia de Beatriz, a desmesurável e permanente textura musical da sua linguagem poética (Beatriz, para além de usufruir a gustação da língua, coração e corpo da música desde que detém memória, possui inclusive o bacharelato em violão erudito). Atente-se, também, de forma especial o poema “Bourée”, que está concebido e construído quase como uma daquelas sagradas caixinhas de música:

*desaba sobre os olhos
uma distração marinha* (74)
*será a borboleta amarela
que insiste em penetrar
em minha retina?* (75)

Estes dois poemas “olham-se” e refletem-se, como se fossem o avesso um do outro, como se fossem um só na possibilidade de se vigiar e guardar, proteger e expandir a primitiva e primordial energia do mundo. O oculto coração da fala sob uma “delicadeza” marinha entre o mar e seu avesso: o céu. Entre o voo e seu avesso: a palavra.

Neste sentido, Beatriz amplifica uma, senão a essencial, marca de sua rica poesia: a indagação de sentido das coisas indizíveis do cosmos, do inefável sentido da existência. “Edificar no escuro / a / paisagem das maçãs (...) / árias: intangíveis águas / de nenhum mergulho / delinear o risco: / improvável margem / de selvagem grito” (51). Como ela já referiu, a mão procura “o movimento que busca sentidos e nexos na aparente desconexão do mundo”, nas revelações do mundo que nos esperam no avesso da compreensão.

Procura essa, por vezes em simultaneidade de metalinguagem, onde a reflexão sobre o acto de escrever, sobre a necessidade de escrever se realiza no corpo do poema, sempre, como referi em processo alquímico de utopia, tentada na sedução de poder algum dia “conhecer o lado oculto, o avesso, da medula sagrada do quotidiano: “na cintilância do mar / emerge ilha infima / de lua solta e horas avulsas / de luz oblíqua e ventos de paz / em cujas manhãs ingénuas / entrego barcos e remos // (...) e plantam na aurora / insólita música “ (73).

E, como já aludi, a luz desse avesso talvez seja mais fácil de vislumbrar e decifrar, se o estranhamento da linguagem for, por vezes, abraçado e reforçado, num árduo trabalho sobre si mesmo, num certo estilhaçar da sintaxe, sempre sob a memória alquímica do idioma, que pode ser vergável e como o barro originário, permitir a criação de novos corpos, de um novo corpo de linguagem, de um novo enredo. Sendo que a questão será sempre, “que enredo / na rede se mede, parado? que vento expande / na tela essa teia?” (46) e por isso há que cuidar da ilha no tempo deste tempo, não lhe deixando faltar a água e o fogo, a ave e o voo, o verbo e a memória, a utopia e seu avesso, pois, “na pele do ilógico tempo / no vento das cores plurais / na mesa, o relógio de Borges / mistérios de toda ampulheta / crisálidas, casulos e símbolos” (59).

Estamos pois, perante um universo poético, que embora nos pareça inicialmente desconexo, até um pouco hermético, aos poucos se desvenda de seu mistério, de seu mapa onde sinalizamos a ilha, de seu arquipélago, de seu mundo, e onde o provável inicial desconcerto se transforma, aos poucos, em luz e energia, em corpo e leite, em som e voz. Repare-se no excerto do poema “Snos”, sons em avesso, pois, de repente, sob a língua-mundo “flui a espiral, étoile / et re recessiva, preens, / inter (rompids), o e (h) // lâmina em mim: qirst verps / flui virtual tex tex / estoica (eu) heroica, frix” (72).

Como assevera a própria autora: “Procuro uma alquimia: fazer do onírico o real. E, do real, fazer o insólito. Dar à palavra poética e ao acto de criação o tecido da realidade”. Dar a língua, à sua língua, à sua língua dentro do seu corpo de língua, a desleitura da fala, um enredo permissivo do sagrado, a utopia da poesia hoje quase em oblíquo constrangimento inclinado sob o alento de um avesso contíguo. Pois, hoje, nesta língua-mundo, em que se grafa o corpo, “No avesso do arquipélago / existem mosaicos e ilhas / brasões e miniaturas // no avesso das fagulhas / a lenta história de pérolas / entre fugazes seminimas / que adentram teus compassos / existem frações de lúdico silêncio // no avesso do que é imenso / existe a inexistência” (25), ou seja, a existência, e seu avesso!

Logo, esta é uma poesia onde irrompe uma nostalgia pelo indizível sentido das coisas, do indizível e sagrado paladar do mundo, que tal-

vez só a maturidade pode trazer. Maturidade de vida, mas essencialmente, maturidade poética. E ambas, já perpassam a textura do corpo de Beatriz Amaral, o corpo vivo e seu avesso: a linguagem e a poesia! Consequentemente, nada no mundo mais próximo de que a “Ilha expandida” será o tempo, este tempo, o nosso e sobretudo o da poeta Beatriz H. Ramos do Amaral: “será um tempo entre / calendários, um fogo / entre águas despertas // será uma centelha // um lugar // entre as marés que dançam / resolutas / no avesso do arquipélago” (76).

Retorno a Bloom, quase a concluir, lembrando a sua afirmação de que T. S. Eliot “era mesmo um grande poeta, mas um lastimável crítico literário”. Ora, eu que não sendo um lastimável poeta, não sou um grande poeta, temo poder ser também um lastimável crítico literário. Até porque, pegar num livro, especialmente de poesia como este, é como estar defronte do mar pela primeira vez e alcançarmos imediatamente ser muito difícil compreender esse corpo misterioso e infindo diante da fala dos olhos, “no borrão de adágios / em que a manhã desperta” (45).

Então, dentro das minhas parcas e prudentes ferramentas para que o meu olhar possa avistar um pouco da luz deste arquipélago, do avesso desta ilha, mesmo que não esqueça a epígrafe do livro, de E. M. de Melo e Castro que diz “Que olhos leem que texto”, ousarei afirmar, contudo, estarmos perante um apelativo e desafiador livro de poesia, onde Beatriz H. Ramos do Amaral vai cinzelando a língua como uma pequena deusa interferindo na criação, no real e no seu avesso. Como só os poetas poderão ambicionar fazer e, procurando na desleitura do mundo a alquimia do verbo.

Porque só assim “o dorso na rede, a sede / o foco da lua dispersa / o arco e a flecha” (39), porque só assim a mão será elegida pelo silêncio evocando sobre o arquipélago um alfabeto sem dobras, porque só assim a poesia não se dirá titubeante e perdida a deus, porque só assim a “Ilha expandida // será um tempo entre / calendários, um fogo / entre águas despertas // será uma centelha // um lugar // entre marés que dançam / resolutas / no avesso do arquipélago” (76): o enredo permissivo.

**João Rasteiro, de Coimbra,
Portugal, é poeta, escritor,
ensaísta e crítico.**



Um zero três meia

Jorge Claudio Ribeiro

- Então é isso?
- Suponho.
- Vai me trancar e largar sozinha?

- Fazer o quê?
- Protesto! Não sou uma reles coisa, inerte. Sou um ser vivo. E agora você me deixa, depois de uma convivência de tantos anos... Quantos, mesmo?

- Uns vinte, acho. Bastante né?
- Para mim, nem tanto. Já vivi mais de cem anos. Segundo a escritura, nasci no início do século passado. Outro dia, escutei seu filho fazer uma profecia de que você vai alcançar três dígitos.

- É pra levar a sério profecia de filho?

- Sei lá. Qualquer profecia vale a pena, venha de quem vier. Basta acreditar.

- Sinto arrepios ao me imaginar com um século de existência.

- Durante os próximos trinta anos, como acontece comigo agora, aqui e acolá aparecerão em você rachaduras, manchas do lado de dentro e de fora, vazamentos ocasionais. Sua fase de manutenção constante já começou, meu caro. Quanto a mim, a audição está falha e a memória cheia de buracos, mas guardei alguns papos que ouvi. Por exemplo...

- Eu lembro de várias dessas conversas! Por nós já correu muita vida, hein? Sinto que minha seiva não deve secar sem deixar rastros, assim como a água flui através de você, na estação das chuvas.

- Mas eu dizia...
- Ah, interrompi? Desculpe, estou meio sentimental.

- ... Que quando você veio pra cá, a antiga ocupante manifestou o desejo de que você fosse muito feliz comigo, assim como aconteceu com ela e a família.

- Pois fui feliz mesmo, até certo ponto. Meus primeiros treze anos com você foram uma maravilha! Em ritmo intenso, minha mulher e eu adaptamos seus espaços a nossas necessidades, embelezamos você. Pintamos suas superfícies e espalhamos pequenas esculturas e gravuras (herança de meus pais), compramos pra você móveis rústicos, instalamos enorme vitrine com um único vidro grosso – através dele, à noite, a luz mortiça projetava sombras que davam aos livros um ar fantástico.

- Adoro meus azulejos. Pelo que sei, você os encomendou com uma artefã de Pinheiros.

- Azulejo na livraria em homenagem ao patrono da educação bra-

sileira, um de meus best-sellers (ora celebrado, ora detestado neste país); azulejo na escada, dedicada à autora do primeiro livro da editora e que possibilitou minha subida, degrau por degrau; na fachada, a numeração decorada que distingue você das vizinhas; nas boas-vindas, logo na entrada; no banheiro, um espelho com a moldura decorada.

- E o dia da minha inauguração, sob sua direção?

- Teve até padre, de estola e água benta. Dediquei você a Nossa Senhora dos Prazeres (porque sim!), ao Espírito Santo (é como o vento, sopra onde quer) e a São Tomé (enfiou o dedo na ferida do ressuscitado; sua dúvida, o torna padroeiro dos intelectuais; a pedra com o nome do santo reveste você). Devidamente abençoados, continuamos as atividades, iniciadas sete anos antes, mas agora em novo patamar.

- Você ficava agitado quando os exemplares chegavam da gráfica! Lembro de sua aflição em verificar se os recém-nascidos tinham defeitos graves. Logo a seguir, exultava ao constatar que estavam quase perfeitos.

- É, somos humanos: por trás de tudo há sempre um “quase”. Em todo caso, com a ajuda de uma colaboradora eficiente e simpática, atuando no meio de campo, foram atraídos autores, publicados os livros deles, enchemos o estoque, as estantes e realizamos vendas, que totalizaram centenas de milhares de exemplares.

Paro pensativo, rememorando cada obra e a aventura de produzi-la. Começava pelo cuidado com o texto alheio. A seguir entravam em cena os produtores de capas caprichadas, diagramadoras, o pessoal da gráfica. Momento miraculoso, inacessível e que fazia esse empreendimento valer a pena, era quando alguém abria algum livro nosso... e punha-se a lê-lo!

- Alô... aqui é do planeta Terra, câmbio.

- Qué? Ah, sim. Participamos de feiras de livros, onde distribuíamos muitos panfletos. Numa Bienal, levei autor famoso para autografar. Mas a editora era pequena e o estande idem. Então embarquei em estratégico corpo-a-corpo. Dirigia-



me sobretudo às professoras, baratinadas com tanta agitação. Todas portavam crachá laranja. Disfarçadamente, eu lia a identificação da que passava mais perto e me dirigia a ela: “Professora fulana, você está a meio metro de Paulo Freire e não vai fazer nada?!”. Tomada de surpresa (“como você sabe meu nome?”), a escolhida e as colegas perguntavam onde estava seu herói, cumprimentavam-no, sorriam-se, batiam um papinho, tiravam um retrato, compravam o livro, ganhavam autógrafa. Às vezes se formava uma fila.

- Essa parte eu não presenciei. Sempre fiquei na retaguarda, segurando a onda. Mas houve momentos em que brilhei intensamente.

- É mesmo. Montávamos antologias, cada uma reunia uns trinta autores. As dos jovens eram intituladas de VITRAL; as dos adultos, *Calidoscópio*. Produzimos duas edições de cada série. Eram obras cooperativadas, dava um trabalho danado organizar. Mas os lançamentos faziam todo o esforço valer a pena. Todo mundo trazia um lanchinho que era partilhado, o ponche era por nossa conta.

- Até hoje a alegria das autoras e autores impregna meu corpo. Você fazia a chamada de cada pessoa e lhe entregava os exemplares correspondentes. A seguir, improvisava-se um sarau em que eram apresentados poemas, crônicas e a pensata, presentes naquelas obras. Compareciam a família, namorados e namoradas e pretendentes. Uma

avalanche de harmônios, de feromônios!

- Festival de risadas, concentração inaudita de felicidade. O pessoal não cabia aqui dentro, transbordava para a calçada e parte da rua. Acho que o paraíso deve ser parecido com isso. Ou melhor, essas tardes/noites de autógrafos eram o céu possível neste planeta.

Silenciamos. Toda essa vida e suas recordações estão prestes a se metamorfosear. Retomo.

- Por uma série de razões, micro e macro, aos poucos esse ímpeto arrefeceu, a grana encolheu, precisei meter a mão no bolso.

- Verdade. Eu percebia que você entrava meio borocochô, parecia que nossa convivência não lhe trazia mais a alegria do início.

- Velha sábia, você. Foi isso mesmo. Mas a culpa não foi sua. Culpa de ninguém. Permanecem os livros que produzimos juntos e que encantaram e iluminaram tanta gente: esses, ninguém nos tira.

Tá na hora.

- Tchau querida, obrigado.

- Adeus meu amigo. Que a profecia filial se cumpra e que você chegue aos cem anos, recebendo e distribuindo felicidade.

Abraçamo-nos, eu e a casa de minha editora e livraria, a Olho d'Água. Em breve ela será demolida (me arrepio ao pensar nisso) e acolherá outras vidas. Morte e renascimento. Fecho a porta de madeira antiga e giro a chave, que entrego ao novo dono. Da vitrine, uma visão me acena, uma pomba pousa no vestibulo, brilha a fachada revestida com pedra de São Tomé... das Letras – a única em Perdizes. Adeus, Homem de Melo, número mil e trinta e seis. Mais do que um endereço, você foi um ancoradouro de desejos, sonhos e realizações. Subo a rua, novas trilhas por buscar.

Jorge Claudio Ribeiro é escritor, jornalista, professor, editor e Doutor em Ciências Sociais - Antropologia na instituição de ensino PUC - SP.

Profa. Sonia Adal da Costa

Revisão -

Aulas Particulares

Cel.: (11) 97382-6294 - soninhaabou@gmail.com



COMUNICAR-SE PARA QUÊ?

Dinovaldo Gilioli

Desde o tempo da caverna, à invenção do papel, e aos mais avançados meios tecnológicos da atualidade, a busca do ser humano sempre foi a de comunicar-se. Independentemente da época e dos recursos utilizados, a palavra sempre foi um dos principais instrumentos de comunicação da humanidade.

Nos dias atuais onde se proliferam informações numa quantidade de estonteante e onde a palavra tem sido largamente utilizada e para todos os fins, perguntamos aos escritores e também aos leitores: a que veio a palavra?

O dom de dizer, de escrever, não é fruto da soberba, do exacerbado ego, mas um ato que deve elevar a vida a sua condição mais hu-

mana. O que cabe no universo, cabe na palavra, e fora dela o mundo é mudo, o mundo é surdo, o mundo é cego.

Que cada palavra dita e escrita sirva para cavar espaços ao encontro do eu e do outro. Que a palavra eu mais você dê novo sentido ao nós, a um coletivo permeado de amor e solidariedade. Que a vida criativa suplante o sufoco da vil sobrevivência, que preencha o oco do acúmulo de coisas imprestáveis para o anúncio da aurora.

Se vier da profunda razão de dizer o que deve ser dito, o que deve ser escrito, não há o que temer. Calar-se é silenciar o sentido da alma, é desfigurar a essência da mente.

Dinovaldo Gilioli é escritor e poeta.

VELHICE

Odete Mutto

Quem não ficar pelo caminho antes da hora, inexoravelmente vai lidar com ela cedo ou tarde, sempre ao redor das cinquenta primaveras, para cima. O encontro pode vir sendo preparado em silêncio através de patogenias que de repente agudizam se instalam e não regridem mais, ou por qualquer trauma cuja magnitude ultrapassou a resistência do atingido: quedas, violências, perdas afetivas levando à velhice, precoce ou não. Mal estar físico, psicológico separados ou conjugados fa-

zem parte desta temida senhora.

Filhos e netos costumam às vezes amenizar um pouco as vicissitudes da chamada "terceira idade, ou boa idade, ou seja, lá o nome que dão a esta fase da vida.

O amor pode medrar na velhice, com ou sem os ímpetos sexuais da juventude. Os escolhidos que conseguem experimentá-lo precisam agradecer dia e noite o presente recebido, em lugar de reclamar contra dores crônicas ou passageiras que frequentam a velhice...

Odete Mutto é escritora, poeta, contista e dentista.

Livros

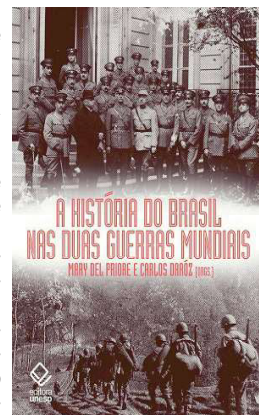
A história do Brasil nas duas guerras mundiais, organizado por Mary Del Priore e Carlos Daróz, Editora UNESP, São Paulo, 262 páginas. R\$82,00. ISBN: 9788539308200.

Mary Del Priore é doutora em História pela Universidade de São Paulo. Foi agraciada com os prêmios Jabuti e Casa Grande & Senzala.

Carlos Daróz é historiador, pesquisador e escritor. Doutorando em História Militar, mestre em Operações Militares e em História.

A obra observa ângulos raramente explorados do envolvimento brasileiro nas duas grandes guerras, como a geopolítica, a economia, a espionagem, o desenvolvimento de instituições militares e o próprio cotidiano dos soldados no calor da batalha. O Brasil foi o único país da América do Sul que enviou contingentes para as referidas guerras.

Editora UNESP: <http://editoraunesp.com.br/>



O Reino, a Colônia e o Poder: o governo Lorena na capitania de São Paulo - 1788-1797, de Adeldo Gonçalves, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 408 páginas, R\$ 70,00.

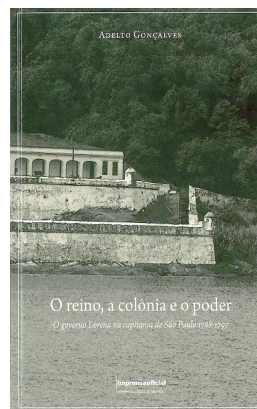
O prefácio é de Kenneth Maxwell e o texto de apresentação de Carlos Guilherme Mota. Fotos de Luiz Nascimento.

O autor é professor, jornalista, historiador, doutor em Letras na área de Literatura Portuguesa e mestre na área de Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-americana pela Universidade de São Paulo.

Segundo o historiador Carlos Guilherme Mota, professor emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, "Em patamar mais alto, Adeldo Gonçalves aprofunda sua análise da

vida paulistana no período colonial com inusual rigor, alargando, porém, suas balizas cronológicas, sem os modismos e generalizações muito comuns em certa historiografia que trafega na superfície dos acontecimentos, marcada pela busca do pitoresco".

Imprensa Oficial: www.imprensaoficial.com.br



SORRIA, VOCÊ ESTÁ SENDO CARICATURADO!!!

Foto enviada pelo próprio Fagner de sua Fundação.

XAVI

CARICATURAS ILUSTRAÇÕES.

Xavier
(14) 3733-9568
(14) 99161-0675
(11) 97958-6182

xavierdelima1.wixsite.com/xavi

Débora Novaes de Castro

Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...

Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÔFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS

Antologias:

Poemas: II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA

Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS

Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL

Opções de compra: 1. www.deboranovaesdecastro.com.br, LIVROS.

2. E-mail: debora_nc@uol.com.br 3. Correio: Rua Ática, 119

- ap. 122 - Jd. Brasil - São Paulo - SP - Cep 04634-040.





Vitor Tavares

Vitor Tavares, presidente da Câmara Brasileira do Livro e diretor geral da Distribuidora e Livraria Loyola, foi um dos finalistas do Prêmio Estado de São Paulo para as artes 2019, na categoria Livro, Leitura e Bibliotecas, pelo trabalho à frente da CBL. O prêmio, promovido pelo Governo do Estado de São Paulo, por meio da Secretaria de Cultura e Economia Criativa, prestou homenagem a quinze profissionais da Cultura que se destacaram, ao longo de 2019, por suas realizações. A cerimônia de entrega da láurea foi realizada no dia 29 de janeiro, no Palácio dos Bandeirantes, em São Paulo. As indicações para as novas categorias foram sugeridas por membros do Conselho Estadual de Cultura e Economia Criativa, do Condephaat, da Comissão de Análise de Projetos do ProAC Expresso ICMS e por secretários de Cultura dos 645 municípios de São Paulo.

Fabiano de Abreu lançou *Como se tornar uma celebridade – Filosofando a Imprensa*, pela Editora MF Press Global, e em formato e-book (Kindle EPUB) através da Amazon (Worldwide – 14 países). <https://www.amazon.com.br/>

O livro dos jogos das crianças indígenas e africanas, de Carlos Seabra, publicado pela Estrela Cultural, ilustrado por William Yukio, figurará entre as obras do Catálogo da Feira de Bologna 2020.

Mary Del Priore e Carlos Daróz, historiadores, lançaram *A História do Brasil nas duas guerras mundiais*, pela Editora UNESP, que reúne estudos sobre a participação do país nos dois confrontos bélicos. A coletânea apresenta uma pluralidade de temáticas, desde a geopolítica até a economia, passando pelo desenvolvimento das instituições militares brasileiras, pela espionagem e por questões do cotidiano dos soldados.

Notícias

Os pecados predilectos, poemas de Inês Lourenço, obra organizada por Ronaldo Cagiano, lançada pela Editora Jaguatirica, Coleção Lusofonia, reúne mais de 4 décadas de produção da autora. A coleção conta com o apoio do DGLAB Direção Geral do Livro e das Bibliotecas que patrocina editoras brasileiras para publicar autores portugueses no Brasil. <https://www.editorajaguatirica.com.br/produutos/os-pecados-predilectos-serie-lusofonia-volume-12/>

Gledson Souza lançará o livro de ensaios *Pôr a poesia seguido de espiral*, pela Editora Córrego, no dia 18 de fevereiro, a partir das 18 horas, na Casa das Rosas, Av. Paulista, 37, em São Paulo.

Claudio Willer autografou a nova edição, revista e atualizada, de *Escritos de Antonin Artaud*, pela L&PM, em janeiro, no Sebo Clepsidra Fortunato. cjwiller@uol.com.br <https://claudiowiller.wordpress.com/>

A Feira do Livro de Londres que será realizada de 10 a 12 de março, no Olympia Exhibition Centre, Hammersmith Road, Londres (Reino Unido), terá um espaço dedicado ao audiolivro, o Audio HQ Summit.

Contracorrente: Ensaios de teoria, análise e crítica política, do pesquisador Sebastião Velasco e Cruz, foi lançada pela Editora UNESP. A obra se propõe a compreender, com análises realizadas em circunstâncias diversas, a realidade sociopolítica brasileira desta segunda década do século XXI.

O Painel Permanente de Poesia Juca Silva Neto, localizado na Biblioteca Pública de Montes Claros, no Centro Cultural Hermes de Paula, recebe até o dia 28 de fevereiro a exposição de poemas de Douglas Rodrigues. Em janeiro ficaram expostas as obras de Júnia Velloso Rebello.

O Beagá Psu Poético será realizado de 14 a 18 de março, em Belo Horizonte (MG). O evento propõe difundir as diversas manifestações artísticas a partir da arte poética e contará com a participação de artistas de diversas partes do país. O Festival Nacional de Poesia Psu Poético é realizado há mais de 30 anos pelo seu idealizador João Aroldo Pereira e pelo Grupo de Literatura & Teatro Transa Poética. facebook.com/psiupoeticocomoc

Mauricio de Sousa, pelo seu trabalho à frente da Mauricio de Sousa Produções, na categoria Iniciativas Culturais para Crianças e Adolescentes, foi agraciado com o Prêmio Estado de São Paulo para as Artes 2019. Isabel Santos Mayer foi laureada, na categoria Livros, Leitura e Biblioteca, pelo trabalho à frente da Biblioteca Comunitária Caminhos da Leitura, em Parelheiros, e pelo LiteraSampa.

A Feira do Livro Infantil e Juvenil de Bolonha apresentará uma mostra de ilustradores, de 30 de março a 2 de abril, que abrigará trabalhos de 76 artistas de 24 países que farão parte de um catálogo distribuído em todo o mundo nas versões em italiano, inglês, japonês, chinês e coreano.

Marisa Lajolo e Regina Zilberman lançaram a nova edição de *A Formação da Leitura no Brasil*, pela Editora UNESP. As autoras propõem uma reflexão sobre o papel do aparelho escolar no âmbito da criação e veiculação da leitura e a identificação dos processos de re-veneração intelectual, avanços e recuos ao longo de 200 anos de história.

O Bloco Com Art e Cidadania, sob regência do maestro Rubem Carvalho, o "Patinhas", desfilará no dia 26 de fevereiro, às 15 horas. A concentração será no Restaurante Cama & Café, Rua Roberto Simonsen, 76, em São Paulo. Das 12 às 15 horas, será realizada roda de samba com feijoada por adesão.

O Sarau do Jornal Centro em Foco, coordenado pelo poeta e editor Carlos Moura, será realizado no dia 28 de fevereiro, sexta-feira, a partir das 19h30, no Restaurante Cama & Café, Rua Roberto Simonsen, 76, em São Paulo.

A Casa da Xilogravura abriga a exposição FLORES SILVESTRES, xilogravuras de Alfonso Ballestero, até o dia 23 de março. Alfonso, formado em Educação Artística no Centro Universitário Belas Artes, com Mestrado e Doutorado na USP, é professor na Universidade Cidade de São Paulo – UNICID. A mostra poderá ser visitada de quinta a segunda-feira, das 9 às 12 e das 14 às 17 horas, na Av. Eduardo Moreira da Cruz, 295, Bairro Jaguairibe, em Campos do Jordão (SP). www.casadaxilogravura.com.br

Makunaimã: o mito através do tempo, de Taurepang, Macuxi, Wapichana, Marcelo Ariel, Mário de Andrade, Iara Rennó, Deborah Goldemberg e Theodor Koch-Grünberg, lançado pela Editora Elefante, publicado com apoio do extinto Ministério da Cultura, traz o grande escritor brasileiro para um diálogo com pensadores negros e indígenas sobre o legado do modernismo.

Jornal da Tarde – Uma ousadia que reinventou a imprensa brasileira, de Ferdinando Casagrande, foi lançada pela Editora Record. Agraciada com Prêmio Livro-reportagem Amazon 2019, mostra curiosidades, fatos históricos, histórias de bastidores de momentos marcantes do veículo e do país.

O Grupo Oficina Literária de Piracicaba realizará reunião no dia 4 de março, das 19h30 às 21h30, quarta-feira, na Biblioteca Pública Municipal Ricardo Ferraz de Arruda Pinto, Rua Saldanha Marinho, 333.

O Centro Literário de Piracicaba realizará reunião no dia 29 de fevereiro, das 15 às 17 horas, sábado, na Biblioteca Pública Municipal Ricardo Ferraz de Arruda Pinto, Rua Saldanha Marinho, 333.

O Mundo do Sexo (*The world of sex*), de Henry Miller, com tradução de Roberto Muggiati, foi lançada pela Editora José Olympio.

Roberto Scarano

Advogado



OAB - SP 47239

Trabalhista - Cível - Família

R. Major Basílio, 441 - Cjs. 10 e 11 - Mooca - São Paulo
Tel.: (11) 2601-2200 - scaranor@terra.com.br